Ambiente
Gestão & Desenvolvimento
ISSN 1981-4127

Linguística Aplicada, identidades e acolhimento em uma cartografia decolonial de Roraima

Applied Linguistics, Identities, and Welcoming in a Decolonial Cartography of Roraima

Lingüística Aplicada, identidades y acogida en una cartografía decolonial de Roraima

DOI: https://doi.org/10.24979/ambiente.v19i2.1880
Submissão: 29/09/26
Aprovação: 13/10/26

Antônia Patrícia da Silva Brito
https://orcid.org/0009-0009-2879-2074

Resenha da obra:

ZAMBRANO, Cora Elena Gonzalo; COSTA, Alan Ricardo (orgs.). *Entre línguas, identidades e fronteiras:* uma cartografia decolonial de Roraima. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 320 p. ISBN 978-65-265-3041-2. E-book.

A Linguística Aplicada (LA), entendida como campo indisciplinar de investigação da linguagem como prática social (Moita Lopes, 2013; Leffa et al., 2020, entre outros), constitui uma área cujo escopo abarca situações concretas em que língua, identidade, cultura e relações de poder se entrelaçam. Em um país tão extenso e plural como o Brasil, esse exercício investigativo demanda, muitas vezes, um olhar situado e sensível às especificidades de cada contexto. É nesse horizonte que se insere Entre línguas, identidades e fronteiras:

ISSN 1981-4127

uma cartografia decolonial de Roraima, coletânea organizada por Cora Elena Gonzalo Zambrano e Alan Ricardo Costa, docentes do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR). Publicada em 2026 pela editora Pedro & João, a obra reúne trabalhos de pesquisadores, docentes e acadêmicos interessados em produzir inteligibilidades "com o", "no" e "a partir do" cenário roraimense. Mais do que descrever a diversidade linguística local, os textos a conectam às experiências amazônicas e fronteiriças, historicamente marginalizadas e que hoje reivindicam espaço legítimo na LA contemporânea. Esta resenha tem por objetivo apresentar criticamente a coletânea, examinar sua organização e suas principais contribuições e discutir sua relevância para a LA, especialmente nos estudos sobre fronteiras, migração, acolhimento, identidades, translinguagem, decolonialidade e formação de professores. Para isso, articula a descrição dos capítulos à análise de suas aproximações temáticas, escolhas de escrita e possibilidades de contribuição ao campo.

Conforme se explica na própria coletânea, a obra nasce de debates sobre linguagem, identidade, cultura e práticas translíngues, transculturais e decoloniais. Esse dado sobre sua gênese permite compreendê-la como resultado de um processo coletivo e situado, atento aos fenômenos linguísticos do contexto local, entre eles a translinguagem e o acolhimento entre línguas. O projeto não dissocia teoria e prática: os conceitos são mobilizados para interpretar práticas vividas em escolas, espaços de acolhimento, comunidades e trajetórias migratórias, em consonância com os rumos da LA contemporânea.

Quanto à estrutura, o livro, com mais de 300 páginas, está dividido em duas partes. A primeira, "Identidades, línguas, fronteiras e migração", reúne onze capítulos de caráter acadêmico mais convencional, voltados à apresentação de pesquisas e estudos recentes. A segunda, "Das outras fronteiras", conta com nove produções híbridas e mestiças, que transitam por gêneros como (auto)narrativas, ensaios, poemas e crônicas. Essa abertura a outras formas de escrita é digna de elogio: além de favorecer a inovação e o exercício da subjetividade, estabelece um contraponto produtivo aos capítulos da primeira parte e amplia as possibilidades de abordagem das identidades fronteiriças e das experiências migratórias.

ISSN 1981-4127

Na primeira parte do livro, os capítulos abordam diferentes dimensões das identidades e do acolhimento linguístico. No texto que abre a obra, Raimundo N. Régis Neto discute a (re/des)construção identitária em trânsito com base em suas experiências pessoais, mostrando que as identidades se formam em processos de deslocamento entre línguas e culturas. Na sequência, Daniel F. dos Santos e Cora G. Zambrano apresentam o tatame como espaço de acolhimento e de práticas translíngues. Já o terceiro capítulo, assinado por Marcos Alekos P. Gamboa, evidencia que nomear e classificar sujeitos não são procedimentos neutros, pois podem reforçar desigualdades. O autor examina a construção discursiva das identidades na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, com foco nas representações de migrantes venezuelanos em manchetes e imagens da mídia local, por entender que essas construções simbólicas incidem tanto sobre as percepções acerca da mobilidade humana quanto sobre os próprios estudos discursivos. Esses três capítulos iniciais evidenciam que o acolhimento linguístico que orienta a obra está atrelado às experiências transculturais e às reflexões críticas dos sujeitos, que constroem sentidos e agem com os recursos de que dispõem.

Os capítulos seguintes aprofundam as dimensões interseccionais da coletânea. A perspectiva indígena é contemplada no estudo sobre o magistério Amooko Iinsantan, de José Ângelo Almeida Ferreira, que aproxima língua, cultura e identidade. Assim, o debate fronteiriço não se restringe à migração venezuelana: inclui povos indígenas, diferenças culturais e disputas históricas pela legitimidade das línguas e dos saberes. A coletânea também aborda questões de gênero. Amanda X. Vasconcelos analisa o lugar feminino em propagandas de materiais de limpeza, enquanto Beatriz Flôr Bela de S. Soares discute a colonialidade discursiva na americanização de Round 6 e a circulação cultural no cenário globalizado. Em conjunto, esses estudos mostram que as representações de raça, gênero e nacionalidade se articulam às hierarquias linguísticas e culturais; no caso da circulação global, destacam como o inglês pode ocupar posição privilegiada. Essa aproximação entre os capítulos evidencia que as relações de poder examinadas pela obra atravessam tanto as identidades quanto os discursos e produtos culturais.

ISSN 1981-4127

Outro ponto positivo é a atenção dedicada à educação linguística e à docência. Os capítulos voltados ao ensino de línguas são relevantes para a formação docente: os relatos analisados por Karla Danielle Matos M. King e Juliani C. Berlezi, no sétimo capítulo, defendem uma educação intercultural e decolonial. Na sequência, Luciana Gomes articula a práxis pedagógica à Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire, enquanto Pricilla Ferreira Ramos examina a influência da translinguagem na formação identitária de crianças migrantes em processo de alfabetização. Em conjunto, os capítulos deslocam o debate da descrição das experiências para suas implicações pedagógicas: no contexto escolar roraimense, marcado por desafios diversos, oferecem subsídios para pensar práticas de ensino atentas à pluralidade linguística e cultural.

No décimo capítulo do livro, Rouse Karoline C. Duarte Santos e Alan Ricardo Costa apresentam estudo interpretativo sobre a obra Cuando yo salí de casa... / Quando eu saí de casa... (Hahn; Valdez, 2020), obra publicada pelo UNICEF Brasil (em parceria com o Instituto Pirilampos) que reúne relatos e desenhos em primeira pessoa de 35 crianças e adolescentes venezuelanos que migraram para o Brasil e foram acolhidos em abrigos em Roraima. Os autores interpretam tais narrativas como práticas de letramento de reexistência (Santos; Costa, 2026) e, junto aos capítulos anteriores, reafirmam a superação do entendimento da fronteira como simples linha que separa países: os textos a compreendem como espaço de trânsito, negociação, conflito, acolhimento e produção de subjetividades e práticas de letramento. A fronteira também é, portanto, epistemológica: diz respeito a quem pode produzir conhecimento, quais saberes são reconhecidos e quais vozes permanecem silenciadas.

Encerra a primeira parte do livro o trabalho de João Batista M. dos Santos e Karla Danielle M. Menezes King, que discutem práticas translíngues no ensino de português para surdos migrantes. Novamente, a obra vale-se da interseccionalidade para enfatizar a pluralidade e a diversidade dos públicos migrantes, e para indicar que acolher não significa apenas ensinar a língua portuguesa ou adaptar o estudante a uma norma escolar. Acolher é reconhecer trajetórias, repertórios, memórias e formas diversas de produzir sentidos:

ISSN 1981-4127

português, espanhol, línguas de sinais, línguas indígenas, gestos, imagens e outras semioses podem (e devem) participar da aprendizagem e da aquisição de línguas e culturas.

A segunda parte do livro é, a meu ver, a dimensão mais original e inovadora da coletânea. Conforme já registrado, os nove textos não repetem o formato convencional do capítulo acadêmico. Eles experimentam narrativas pessoais, ensaios, poemas, crônicas e autonarrativas para pensar o "eu fronteiriço" por meio de experimentações líricas, transgressivas e/ou subversivas. Os títulos – "O eu da fronteira", "Fronteiriço eu", "Eu e meus 'eus'", "Ser fronteiriço" e "Fronteiras da linguagem e da existência", entre outros – anunciam uma escrita que se materializa na indissociabilidade entre experiência-vivência-teoria-prática. Como explicam os organizadores, são textos situados "nas fronteiras entre diferentes gêneros discursivos e acadêmicos" (Zambrano; Costa, 2026, p. 19).

Trata-se de uma seção do livro profundamente coerente com as perspectivas decoloniais, haja vista que reconhece que a produção de conhecimento também pode ocorrer por meio da memória, da subjetividade e da escrita de si, fora dos padrões canônicos dos gêneros acadêmicos. O uso da primeira pessoa nos textos, por exemplo, não aparece como oposição à reflexão acadêmica; ela se torna uma forma de investigar pertencimentos, deslocamentos, ausências e reexistências. Para a formação de professores, essa escolha tem grande potencial: permite discutir identidade profissional, trajetórias linguísticas, experiências de migração e relações de poder sem obrigar todos os saberes a assumir uma única forma de escrita. A segunda parte amplia, assim, o repertório metodológico e pedagógico de quem trabalha com linguagem em contextos de fronteira.

Do ponto de vista teórico, a obra articula com coerência a LA indisciplinar aos estudos culturais, ao pensamento decolonial, às epistemologias do Sul Global, à Análise do Discurso, à pedagogia crítica de Paulo Freire e às pesquisas em translinguagem. Cabem, contudo, algumas ressalvas, sobretudo quanto ao uso amplo da categoria "decolonialidade". Como operador teórico, tal categoria tem seu alcance reduzido quando aparece apenas como qualificativo geral; a obra se mostra mais potente quando evidencia, de forma concreta, como

ISSN 1981-4127

uma certa prática escolar, uma narrativa ou um repertório linguístico desloca uma hierarquia ou rompe uma assimetria de poder/língua/cultura. Esse limite, porém, pode ser relativizado: em uma coletânea dessa extensão, não seria necessário retomar em cada capítulo o aprofundamento no pensamento decolonial, sob o risco de tornar a leitura redundante. Além disso, eventuais lacunas nesse aspecto podem ser produtivas para novas pesquisas, pois convidam os leitores a investigar de que maneira uma prática efetivamente transforma relações de poder, em vez de apenas receber o rótulo de decolonial. O livro não se propõe a esgotar a temática do pensamento decolonial, e acerta em não o fazer.

A contribuição da obra para a formação de professores na Pan-Amazônia é expressiva. O livro pode ser utilizado como material bibliográfico em cursos de Letras, Pedagogia e Relações Internacionais; em espaços de educação popular e contextos de formação continuada, especialmente em escolas e universidades; e em municípios atravessados pela mobilidade transfronteiriça. Os capítulos oferecem situações para discutir acolhimento linguístico, educação indígena, migração, ensino de português, práticas translíngues, questões de gênero e produção de materiais didáticos. A segunda parte também pode subsidiar oficinas de escrita autobiográfica e reflexões sobre as trajetórias linguísticas de professores e estudantes. Dessa forma, a coletânea serve tanto à formação teórica quanto à elaboração de práticas pedagógicas contextualizadas.

Em síntese, a coletânea Entre línguas, identidades e fronteiras: uma cartografia decolonial de Roraima oferece contribuições pertinentes à LA contemporânea, entre elas a noção ampliada de fronteira, que permite investigar não apenas a divisa Brasil–Venezuela, mas também as fronteiras produzidas na escola, nos serviços públicos e nos discursos que definem quem fala uma língua considerada legítima. A translinguagem, por sua vez, oferece uma lente para observar o uso articulado de línguas e semioses em diferentes contextos. Também merece destaque a concepção não assimilacionista de acolhimento, que permite analisar se as instituições reconhecem os repertórios dos sujeitos ou apenas exigem sua adaptação à norma dominante. A coletânea contribui ainda para pensar metodologias sensíveis às vozes de estudantes, famílias e professores: as (auto)narrativas e os textos fluidos da segunda parte oferecem referências para pesquisas que não reduzam

ISSN 1981-4127

os participantes a informantes ou a um conjunto de dados. Essas produções sugerem que histórias de vida, memórias e escritas de si podem produzir conhecimentos sobre fronteiras e pertencimentos, desde que analisadas com rigor ético e teórico. A obra, portanto, não entrega um modelo pronto, mas apresenta conceitos, experiências e formas de escrita capazes de orientar investigações situadas em Roraima.

Por todo o exposto, afirmo a contribuição da obra em análise: ela oferece potentes ferramentas teórico-metodológicas para compreender a diversidade cultural, linguística, social e identitária de Roraima e para formar professores capazes de escutar, acolher e ensinar em realidades plurais.

Declaração de uso de Inteligência Artificial Generativa

Para parte da construção desta resenha foi utilizada a ferramenta Manus, da empresa Manus, sem identificação pública do modelo ou da versão na interface disponível, para apoio à organização das informações, à redação inicial e à revisão textual. A leitura da obra, a seleção dos argumentos, a conferência das citações e a responsabilidade pela autoria, veracidade, integridade e versão final permanecem sob responsabilidade da pessoa autora da submissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAHN, Eriza Cristina; VALDEZ, Maria Esperanza Bolaños (Org.). **Cuando yo salí de casa... / Quando eu saí de casa...** Boa Vista: Instituto Pirilampos, 2020.

LEFFA, Vilson José; FIALHO, Vanessa Ribas; BEVILÁQUA, André Firpo; COSTA, Alan Ricardo. (Org.) **Tecnologias e ensino de línguas:** uma década de pesquisa em Linguística Aplicada. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2020. 260p.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Linguística Aplicada na Modernidade Recente.** Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013. 286p.

SANTOS, Rouse Karoline Coelho Duarte; COSTA, Alan Ricardo. Cuando yo salí de casa... Narrativas de crianças migrantes venezuelanas como letramentos de reexistência. In: ZAMBRANO, Cora Elena Gonzalo; COSTA, Alan Ricardo. (Org.) **Entre línguas, identidades e fronteiras:** uma cartografia decolonial de Roraima. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 320p.

ZAMBRANO, Cora Elena Gonzalo; COSTA, Alan Ricardo (orgs.). **Entre línguas, identidades e fronteiras:** uma cartografia decolonial de Roraima. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 320 p.